

PRINCÍPIOS

BATISTAS

Dr. REYNALDO PURIM

FOCALIZANDO -

O INDIVIDUALISMO:

... NA VIDA RELIGIOSA

... E A SOCIEDADE

... E O ESTADO

... E A VIDA ECONÔMICA

APRESENTAÇÃO

A matéria que você tem em mãos trata-se de uma série de palestras apresentadas pelo autor em um Retiro de Pastores.

Como “batistão” que era não podia deixar de enfatizar bem esse aspecto em sua exposição.

Por outro lado, como ele sempre dizia que o português não era o seu forte, estamos divulgando estas palestras na forma que foram apresentadas.

Também a sua preocupação ao expor a matéria e o emprego de termos muitas vezes torna-se um pouco pesado.

Para não mexer no texto com o propósito de melhorar o português e a linguagem não foi feita justamente para não mudar aquilo que ele pretendia realizar.

Espero que a divulgação destas conferências sejam de proveito, edificação e fortalecimento nas convicções que os batistas têm em seus princípios que são fundamentais para a nossa fé.

Quatro Barras, 14 de julho de 2009.

João Reinaldo Purin
Sobrinho do autor.

Contatos:
jrpurin2008@gmail.com

PRINCÍPIOS BATISTAS

Dr. Reynaldo Purim

Diante de uma sugestão um tanto vaga, feita pelo ilustre presidente desta Ordem de Pastores, e na falta de qualquer outra coisa quanto a assuntos a serem estudados aqui, julgamos examinar alguns princípios batistas, matéria a qual, cremos, ser completamente desnecessária, por ser conhecida pelos pastores batistas. Trataremos deste assunto sob o motivo de julgarmos que os batistas precisam, hoje em dia, não só reafirmar os seus princípios que os distinguem dos outros, como também cremos que os batistas devem divulgar estes mesmos princípios com todas as suas forças e por todos os meios que têm ao seu dispor.

Ao nosso modo de ver, a presente situação mundial exige que os batistas cumpram a sua missão e divulguem a sua mensagem característica de que são portadores. O desenvolvimento espiritual de que o mundo necessita depende inteiramente da divulgação dos princípios característicos dos batistas, ou da mensagem do Cristianismo como eles a interpretam. Como também precisam interpretar o significado e a aplicação desses mesmos princípios para todas as fases da vida humana. A evangelização do mundo, no sentido mais completo do termo, hoje em dia, depende realmente de os homens em geral tomarem conhecimento e porem em prática a mensagem de que os batistas são portadores.

Não pretendemos tratar aqui perante os prezados colegas uma novidade, pois estamos em um terreno bem conhecido e bastante explorado. Esperamos apenas abordar e reafirmar, talvez, com algumas aplicações práticas mais amplas, os princípios que temos mantido quase que exclusivamente na sua forma doutrinária ou teológica. A nossa necessidade do momento presente parece ser a de sairmos

um terreno puramente teológico para entrarmos no terreno da prática. Ao dizermos isto, de modo alguma queremos dar a entender que estejamos menosprezando a doutrina dos nossos princípios. Estamos apenas procurando mostrar as suas implicações práticas.

Para formos em evidência o significado dos princípios batistas para a vida prática de hoje, devemos procurar apresentá-los na sua forma mais simples ou menos complexa possível. Devemos simplificar a sua interpretação para torná-la mais eficientes na prática. A eficiência prática da verdade depende sempre da sua simplicidade doutrinária. Por esta razão realmente não pretendemos examinar aqui uma variedade de princípios batistas, mas realmente apenas os princípios os quais, em última análise, parecem ser os princípios distintivos dos batistas, sendo os outros apenas colaterais. Referimo-nos aos Princípios do Individualismo e da Fidelidade a Cristo. Estes são, ao nosso ver, os únicos ou fundamentais princípios dos batistas e são estes que hoje precisam realçar diante dos homens. O individualismo é essencial ou o único fundamento para a interpretação do homem em si e em suas relações religiosas, sociais e econômicas.

Ao afirmarmos que o individualismo é um dos princípios batistas por excelência, é ao reconhecermos que os batistas têm sido individualistas e, às vezes, até demais, não estamos dizendo necessariamente que eles já tenham interpretado ou aplicado devidamente este mesmo princípio em sua própria vida prática. Também não estamos dizendo que os batistas já tenham interpretado ao mundo o significado deste princípio para todas as relações humanas. Esperamos que os colegas aqui presentes não levem a mal se dissermos que os batistas ainda não têm apreciado devidamente o grande tesouro espiritual que se encontra nos

ncípios que eles têm procurado defender durante os anos.

Os batistas têm se limitado à enunciação do princípio do individualismo apenas na sua forma doutrinária e a uma aplicação ao mesmo principalmente na vida religiosa e especialmente apenas na vida cívica. Quanto à sua aplicação a outras fases da vida dos homens como sejam a social, econômica e outras, os batistas, salvo nosso engano, pouco ainda têm feito. Ao que parece, os batistas ainda estão no começo do cumprimento da sua tarefa neste mundo, faltando ainda uma longa caminhada para terminá-

O objetivo das nossas palestras aqui, portanto, é apenas recordar a doutrina do individualismo, o princípio batista por excelência, não somente nas suas aplicações já conhecidas, mas também em algumas outras onde este mesmo princípio ainda tem aplicação. Pretendemos apenas mencionar os terrenos onde o nosso princípio precisa ser estudado, deixando a sua elaboração ou aplicação das idéias a cargo dos prezados colegas. Pretendemos, portanto, estudar aqui e apresentar em resumo o Princípio do Individualismo, esboçando a matéria como segue: 1º) O Individualismo na Vida Religiosa; 2º) O Individualismo na Vida Social; 3º) O Individualismo na Vida Política; 4º) O Individualismo na Vida Econômica. Mais terrenos onde este mesmo princípio tem aplicação prática poderiam ser abordados, mas vamos nos contentar só com os terrenos mencionados.

Desejamos mostrar que o Princípio do Individualismo constitui a base e a única base cristã para a interpretação da vida humana em todas as suas fases, mencionadas acima e outras. Como se vê, a matéria assim esboçada é muito maior do que as nossas forças. Portanto, limitar-nos-emos apenas a alguns elementos introdutórios, indicando diretrizes que

recem atenção por parte dos batistas e do mundo em geral. Queremos enfatizar o fato de que o Princípio do Individualismo devidamente interpretado constitui, em fim, a base para acharmos caminho para uma solução dos problemas religiosos, sociais e econômicos da vida humana. Individualismo é essencial não só no terreno religioso; é essencial também na vida social e econômica. O princípio ou princípios que regem a vida do homem são os mesmos, tanto na vida espiritual como também na secular. Sendo o mesmo homem que atua nessas esferas, a base da sua atuação forçosamente precisa ser a mesma.

O INDIVIDUALISMO NA VIDA RELIGIOSA

Terminados estes preliminares, vamos abordar agora e finalmente o tópico programado para esta reunião: O INDIVIDUALISMO NA VIDA RELIGIOSA. Perguntamos, porém, primeiramente que é o que entendemos por "individualismo", como este tão conhecido pelos batistas. Não pretendemos formular aqui nenhuma definição que rigorosamente mereça esse nome. Vamos apenas dizer o que entendemos por "individualismo". Individualismo é o reconhecimento da competência, liberdade e da responsabilidade do homem no indivíduo em todas as relações da vida. Devemos esta definição ou descrição do individualismo à obra do Dr. A. B. Langston, intitulada "O Princípio do Individualismo em suas Expressões Doutrinárias", Edição da Casa Publicadora Batista. Dr. Langston, nessa obra, estuda este princípio só em suas aplicações religiosas ou teológicas. O princípio do individualismo, assim descrito, na vida religiosa significa o reconhecimento de que o homem é competente de receber a

relação de Deus e de manter comunhão com seu Criador, no seu Pai celestial, mediante Cristo Jesus, e sem qualquer mediação humana. O reconhecimento desta competência ínseca do homem e das suas conseqüências práticas na vida é a característica fundamental dos batistas. Os principais princípios ou axiomas, também comumente apresentados como características dos batistas são na realidade apenas o corolário ou conseqüências por si mesmos.

Individualismo, em resumo ou em essência, é um simples reconhecimento da existência de certos fatos no próprio homem sem que estes tivessem sido determinados pela sua natureza. A posição dos batistas, em última análise, não é uma questão doutrinária ou de interpretação, mas o simples reconhecimento do homem como Deus o fez, como portador de sua imagem e semelhança, e do método pelo qual Deus o criou. Para alguém ser batista, basta ele reconhecer a si mesmo como Deus o fez e a seus semelhantes do mesmo modo, e agir de acordo com a sua própria competência, usando a sua liberdade e assumindo a sua responsabilidade nas suas relações para com Deus e seus semelhantes. Em outras palavras, ser batista é o homem proceder como Deus fez e como Deus quer que ele proceda.

Quais são, então, os princípios ou axiomas comumente mencionados como características ou distintivos dos batistas que nós julgamos podem ser sintetizados em um só princípio que é o individualismo? Vamos apenas mencioná-los aqui não como fosse matéria nova para os prezados irmãos, mas para mostrarmos simplesmente que todos praticamente derivam do individualismo acima referido. Sem qualquer preocupação de formarmos uma lista completa das características peculiares dos batistas, vamos mencionar as seguintes, eles reconhecem: 1º) A competência da alma

mana para receber a revelação de Deus; 2º) A liberdade do homem para adorar a Deus de acordo com a sua consciência; 3º) A competência de cada homem interpretar a Bíblia por si e para si sob a direção do Espírito Santo; 4º) A liberdade do homem praticar atos religiosos na base da sua própria escolha; 5º) O significado não sacramental, mas simbólico das ordenanças - Batismo e da Ceia do Senhor; 6º) A soberania e o governo democrático da igreja como congregação local; 7º) A separação entre a Igreja e o Estado; 8º) A aceitação da Bíblia como a única regra de fé e prática. Estas são as características dos batistas que os distinguem e que ao podem ser sintetizados em um só princípio que é o individualismo conforme descrito acima, cuja divulgação essencial não só no terreno religioso como também em qualquer outro.

Os itens acima, comumente considerados como axiomas ou princípios distintos, são na realidade corolários ou implicações práticas do reconhecimento deste descrito como individualismo. Certamente não há nenhum inconveniente na prática em considerarmos esses corolários como axiomas. Não estamos preocupados aqui com uma linguagem filosoficamente técnica ou doutrinária. O que nos interessam são os fatos em si e não uma linguagem técnica. Para sermos batistas, não dependemos, necessariamente, de nenhuma interpretação formal ou técnica. Dependemos só de observarmos na prática determinados fatos revelados por Deus e não de interpretá-los formalmente. Os batistas não se caracterizam por nenhum sistema doutrinário que fosse formalmente adotado para ser observado. A posição dos batistas não é definida por nenhuma confissão de fé, credo ou dogma. Cada batista age como indivíduo na base das suas próprias competências espirituais, sua liberdade e responsabilidade diante da revelação de Deus em Cristo.

us. Para uma atuação religiosa pessoal, o batista não depende de nenhuma interpretação dos outros. A doutrina só torna necessária para ele quando precisa explicar aos outros ou justificar o seu modo de proceder.

Em resumo, a posição dos batistas tem por base, de um lado, o reconhecimento da natureza e competência religiosa do homem, qualidade essa dada ao homem pelo próprio Deus. De outro lado tem por base o reconhecimento do fato de que Deus se revela ao homem mediante Jesus Cristo, e que a relação esta dada dentro do alcance do homem como indivíduo e que pode ser por ele aceita. Quem reconhece estes fatos fundamentais no homem, não pode negar-lhe a verdade religiosa; não pode negar que os atos religiosos do homem precisam ser voluntários sem qualquer interferência ou mediação de terceiros.

O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE

A nossa interpretação do homem como indivíduo que nos realçado até agora é a competência, liberdade e a responsabilidade do homem como indivíduo nas suas relações com Deus e quase não temos tomado em consideração o homem em suas relações para com os homens. O que nos considerado é apenas o homem como indivíduo como religioso. As circunstâncias sociais do mundo atual, porém, estão nos obrigando a reconsiderar a nossa idéia do homem e a oferecer base espiritual para a solução dos seus problemas sociais. Esta é a nossa urgente necessidade.

Uma interpretação parcial do homem ou um individualismo sem as suas relações sociais, é incompleta e também pode tornar-se prejudicial. Caso os batistas continuem a manter a idéia do individualismo que tem

ntido até agora, eles correm o grande perigo de prejudicarem a sua própria apreciação do significado do homem e de prejudicar também o significado desse mesmo homem nas suas relações para com a sociedade. A sua interpretação incompleta está prejudicando a idéia de responsabilidade e do dever que o homem deve ter para com outros.

Para tornar mais evidente o perigo de uma idéia incompleta do individualismo, embora verdadeira dentro dos seus próprios limites, precisamos considerar o seguinte. A idéia de um individualismo puramente metafísico não só é prejudicial como também é fatal para o próprio homem. À luz do Cristianismo, o homem não é simplesmente um indivíduo. Na última análise, o homem como mero indivíduo, como geralmente o compreendemos, isto é, o homem em si, separado da sociedade, na realidade não existe. Antes é uma abstração ou uma criação fictícia da mente humana. Pensar no homem como um indivíduo como ser isolado, possuidor da verdade para pensar, escolher e agir como ele mesmo o ser, é realmente pensar naquilo que não existe. Tecnicamente falando, tal indivíduo realmente não existe. É neste ponto que está a nossa fraqueza e o nosso perigo doutrinário. A linguagem que estamos empregando quando falamos do individualismo realmente não representa o que queremos dizer. Considerando a deficiência do problema da nossa linguagem, de modo algum estamos destruindo o individualismo como princípio fundamental dos batistas. Estamos mostrando apenas as falhas de sua interpretação. A interpretação falha impede uma aplicação mais ampla do próprio princípio.

Para termos uma idéia mais clara da nossa deficiência doutrinária na questão de linguagem, basta notarmos que simplesmente não podemos pensar em um indivíduo sem

usarmos também em suas relações com a sociedade. A não da própria existência do indivíduo como tal já pressupõe a idéia de suas relações sociais, tais como da sua dependência e de responsabilidade social. O indivíduo, por exemplo, deve a sua existência a outrem. Para descrevermos sua identidade precisamos relacioná-lo inevitavelmente com a sociedade. A formação mental e moral que o indivíduo apresenta é, em grande parte, resultado do seu meio ambiente. Como indivíduo, o homem é parte da sociedade e depende dela. Ao mesmo tempo também a sociedade, à qual o indivíduo pertence, é uma projeção ou sua própria realização no indivíduo. Este ponto será abordado ainda mais adiante.

Para focalizarmos mais precisamente a diferença entre o indivíduo e o indivíduo nas suas relações sociais que nos interessam neste estudo, seria melhor se empregássemos o termo "personalidade" para realmente designarmos o indivíduo juntamente com as suas relações. O de que os batistas precisam hoje em dia é definir certos termos da sua linguagem doutrinária com mais precisão, e não apenas é conteúdo desta o termo "indivíduo", por exemplo, em linguagem técnica não diz o que nós como batistas queremos dizer quando empregarmos esse termo na nossa linguagem doutrinária. O termo "personalidade" seria mais apropriado para interpretar tanto o homem em si como também o homem nas suas relações sociais o que realmente é o que queremos dizer quando empregamos o termo individualismo. Como já dissemos a idéia do indivíduo é mera abstração ao passo que a idéia de personalidade realmente representa o homem em si como também relacionado com a sociedade. O que nos interessa, porém, neste estudo não é simplesmente o vocabulário doutrinário de batistas, mas o seu conteúdo, e por isso vamos usar aqui a linguagem tradicional.

O que os batistas hoje precisam realçar para o cumprimento de todos é que o crente é todo o homem como indivíduo, embora possua liberdade diante de Deus e dos homens, em matéria religiosa, de modo algum pode ignorar suas relações e responsabilidades sociais. O crente ou o homem não é mero indivíduo, no sentido técnico do termo, mas é uma personalidade ou um ser social. O que os batistas devem mostrar ainda que, em última análise, essas relações e responsabilidades sociais do indivíduo são ao mesmo tempo suas próprias necessidades. O cumprimento dos deveres do homem para com a sociedade é uma necessidade vital tanto para ele como também para a sociedade. O indivíduo não pode existir ou viver sem a sociedade e nem a sociedade pode realmente viver sem o indivíduo.

A natureza social do homem como indivíduo ou, melhor, como personalidade vitalmente relacionada com a sociedade, à qual o homem depende e a qual também depende dele, envolve para o homem graves responsabilidades em qualquer fase de sua vida, responsabilidades estas, das quais ele não pode fugir. Como conseqüência desta interdependência, por exemplo, para o crente, como indivíduo, poder gozar plenamente a salvação cristã nas suas relações sociais, é necessário que também a sociedade, à qual esse pertence, também esteja salva. Certamente, o indivíduo pode se salvar de seu próprio pecado ou condenação. Para isto basta ela ter a fé pessoal em Cristo. Para a sua salvação pessoal, o indivíduo não depende da sociedade, necessariamente. Este é um princípio fundamental dos batistas. Mas para o indivíduo livrar-se das conseqüências do pecado da sociedade, ele precisa concorrer para que a sociedade também se liberte do pecado. Do contrário, embora o homem esteja salvo como pessoa, ele ainda continua a sofrer as conseqüências do pecado nas suas relações sociais. Em resumo, portanto, a

salvação do indivíduo, nos seus aspectos sociais, realmente se completará quando também a sociedade, à qual pertence, estiver salva. Nos seus aspectos sociais a salvação do indivíduo depende da salvação dos seus semelhantes e vice-versa. Não podemos gozar paz e segurança neste mundo enquanto nele houver indivíduos não convertidos. Enquanto houver no mundo pessoas não convertidas, ameaçadas pelo pecado, os demais estarão sujeitas a sofrer as conseqüências do pecado dos ainda não convertidos. É na natureza desta relação entre o indivíduo e a sociedade que devemos procurar encontrar uma solução para o problema do cumprimento do crente neste mundo. O individualismo devidamente compreendido é o que oferece a chave para a solução deste problema prático e doutrinário.

Um individualismo abstrato, que separa o homem da sociedade, não representa a idéia cristã do homem, mas é simplesmente uma criação da mente prejudicada pelo pecado. Semelhante individualismo leva o homem a perguntar como o fez Caim: "Sou eu guardador do meu irmão?" Um individualismo cristão, porém, que tem por base a própria lei objetiva e subjetiva implantada pelo próprio Deus no homem, diz: "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo". O cumprimento deste mandamento é parte integrante da própria natureza do homem. Como ser pessoal, o homem não pode desconhecer as suas relações e obrigações para com o seu próximo. Só aquele que é dominado e obscurecido pela sua mente pelo pecado é capaz de pensar que pode ficar livre de suas responsabilidades sociais. O indivíduo salvo, libertado do pecado, possuidor da verdadeira vida espiritual e, sente a sua dependência e responsabilidade para com o próximo e as cumpre por iniciativa própria.

O individualismo cristão, devidamente interpretado e aplicado em suas relações sociais, constitui o segredo ou a

e no próprio crente para ele tornar-se um propagador voluntário do evangelho. Um individualismo abstrato e falso, por outro lado, porém, leva o crente a se desinteressar da evangelização e do bem-estar dos outros. O individualismo tão leva o homem a não viver mais para si, mas para os outros e trabalhar pela sua salvação. Por essa razão é necessário que os batistas, como defensores do princípio do individualismo, sejam vigilantes para que nenhuma idéia deste princípio os leve à morte espiritual. A idéia de um individualismo que se alheia das relações e obrigações sociais, constitui um perigo para o crente, como também para a igreja, para os empreendimentos missionários da denominação e para o mundo inteiro.

À proporção em que a vida social e econômica dos homens torna-se mais inter-relacionada e interdependente, cresce a necessidade de os batistas divulgarem a interpretação cristã do homem, de que são portadores e que leva o homem a reconhecer tanto a sua dependência como também a sua responsabilidade pelos seus semelhantes. Por isso, para promoverem um avivamento espiritual em suas igrejas e maior progresso na evangelização, os batistas devem ampliar a sua interpretação do individualismo. O despertamento do espírito evangelístico e missionário nos crentes e nas igrejas depende de um doutrinamento mais sério e não de propaganda sentimental. Quando uma pessoa se converte, geralmente sente-se possuído por um individualismo social, genuíno e espontâneo. Um recém convertido, por exemplo, geralmente está mais ativo e mais disposto a cooperar com a igreja do que um crente antigo. Este primeiro impulso, ou primeiro amor, é transitório e cedo desaparece. É um fenômeno natural que não devemos combater. Aquilo que no crente, a princípio, é espontâneo precisa tornar-se depois nele uma atividade voluntária

berada ou voluntária e baseada em uma compreensão doutrínaria. Aquilo que uma criança procura fazer espontaneamente deve tornar-se depois nele uma atividade voluntária. O amor ao próximo que, a princípio não passa de uma afetividade, precisa tornar-se depois um amor voluntário e inteligente e cultivado.

O INDIVÍDUO E O ESTADO

Nesta parte do nosso assunto geral, procuraremos analisar a relação que deve existir entre o indivíduo e o Estado. Em outras palavras, examinaremos o princípio do individualismo, defendido pelos batistas, nas suas relações sociais. Em face das ideologias sociais modernas e diante da falta de diretrizes seguras nesta matéria, os batistas precisam examinar o assunto à luz do Cristianismo e adotar neste terreno uma posição coerente com a aplicação dos seus princípios também nos demais terrenos. cremos que os batistas são os que precisam e devem oferecer ao mundo de hoje uma orientação segura nesta matéria. Em face da sua posição doutrínaria na religião, eles são os únicos que estão em condições de tratar do assunto no terreno político.

O princípio do individualismo, no sentido ético do termo anteriormente abordado neste estudo, que os batistas têm procurado observar no terreno da religião, aplica-se também às relações do Estado. O que é válido para o homem na vida espiritual não pode deixar de ser básico também nas outras esferas, da sua vida. Seria uma incoerência, por exemplo, reconhecer a competência, a liberdade e os direitos do homem na religião e negar-se esta mesma liberdade e os mesmos direitos na sua vida cívica. Por coerência e por dever com o mundo, aos batistas oferecer ao mundo agitado, por tantas

ologias sociais, uma orientação cristã de como devem os homens solucionar os seus problemas civis. Em virtude de serem portadores de uma interpretação equilibrada do homem como personalidade em suas relações religiosas, os batistas devem oferecer ao mundo a verdadeira interpretação do homem na sua vida cívica e econômica. Semelhante interpretação não podemos esperar dos outros grupos religiosos, pois não têm para isto, bases doutrinárias e éticas. Potencialmente, ou pelos princípios que possuem, os batistas são os únicos que devem estar habilitados para esta tarefa que o mundo espera deles. Com esta afirmação não estamos nos orgulhando com a nossa posição, nem tão pouco desprezando os outros. Estamos apenas mostrando a responsabilidade específica que os batistas têm diante do mundo. Dissemos acima que os batistas estão "potencialmente" preparados para esta tarefa, pois, ao menos aparentemente, pouco ou nada têm feito de modo efetivo para interpretar ao mundo a doutrina do individualismo na vida cívica, embora possuam bases ou elementos para isso. A sua responsabilidade nisto deve ser normativo e não administrativa.

Os batistas crêem na liberdade religiosa do indivíduo, na origem divina do Estado como princípio de autoridade social; crêem na forma democrática da ordem social, na não interferência do Estado na vida religiosa do indivíduo e da Igreja. Isto tudo, porém apenas se refere à vida religiosa e eclesiástica e não define, necessariamente, as relações cívicas do homem. Reconhecer o individualismo só na vida religiosa e não nas relações para com o Estado é uma tarefa incompleta que não é uma interpretação satisfatória da vida humana. É uma lacuna na posição doutrinária dos batistas, pois ainda não interpretaram devidamente a aplicação e o alcance dos seus princípios na vida cívica. É

é preciso notar aqui que uma aplicação prática do individualismo na vida cívica depende muito mais de uma interpretação doutrinária do que isto acontece no terreno religioso. Não se admira, pois, haver hoje em dia tantas tendências e movimentos de caráter totalitário e tanta incerteza, mesmo entre os evangélicos, quanto à atitude que devem assumir para com essas tendências.

Ao nosso ver a tarefa dos batistas na vida política hoje em dia não deve ser tão somente insistir na forma democrática da vida social e resistir às tendências antidemocráticas, que, de modo algum deve deixar de ser feito. O ideal de um governo democrático, quanto à forma, e o da participação do indivíduo, como cidadão, na escolha dos governantes por meio do voto, que tem sido uma contribuição dos batistas à vida social moderna, ainda não parece ter sido suficientemente esclarecido quanto às relações que devem existir entre o indivíduo e o Estado. Que idéia, por exemplo, têm os batistas coerentemente com o princípio do individualismo, da relação que deve existir entre o indivíduo e o Estado constituído? Eles precisam definir para o mundo a visão cristã do Estado de modo mais claro do que o têm feito até agora. Devem focalizar, por exemplo, as finalidades do Estado e as relações que devem existir entre este e o indivíduo. Não basta os batistas enfatizarem só a forma democrática do Estado sem definir suas finalidades e funcionamento. A fácil propagação das tendências antidemocráticas ou totalitárias de hoje, cremos ser uma seqüência em parte da falta de uma idéia clara e cristã das finalidades do Estado e das suas funções na vida social, e principalmente com referência ao indivíduo. Não basta enfatizar a democracia como regime social, os direitos e deveres do indivíduo; não basta reconhecer a origem divina do Estado. É preciso definir também as relações ideais que

tem existir entre a atuação prática de ambos na sociedade. O de que o mundo de hoje precisa não é uma interpretação teórica do Estado e do indivíduo, mas de uma interpretação prática, mostrando as atribuições que cada um deve exercer na sociedade. Este é um terreno, no qual, os batistas, ainda não deram a sua contribuição ao mundo, contribuição esta – repita-se – para a qual eles são mais qualificados do que os outros grupos religiosos, como católicos, que são do ideal do individualismo e da democracia. Eis uma tarefa que merece a nossa atenção para termos em prática o Cristianismo na vida social.

Para termos uma idéia de como este ponto prático tem sido tratado fora das cogitações dos batistas aqui como também em outras partes, basta verificar se os batistas, mesmo os interessados na vida política, podem apresentar como possível solução para a presente crise social em que o Estado sobrepõe ao indivíduo destruindo a sua personalidade transformando-o em um simples instrumento nas mãos do Estado. Em matéria religiosa, os batistas, certamente, têm o ponto de vista bastante definido. O reconhecimento do princípio da liberdade religiosa é para eles matéria vencida, tal este que, de algum modo, já é reconhecido como direito internacional. cremos que esta formação de opinião pública, favorável à liberdade religiosa tem sido fruto da influência dos batistas que têm lutado contra a interferência do Estado em matéria de culto individual e coletivo.

Pergunta-se agora se os batistas têm alguma idéia ou se conhecem uma liberdade semelhante ou igual para o indivíduo, por exemplo, na vida econômica cujos problemas têm atraído à interferência e controle do Estado na sua vida econômica? Será que nesse terreno da vida política e econômica o indivíduo deve ter alguma liberdade pela qual desse a pena lutar, como isto se tem verificado no terreno

gioso? Ou será que o indivíduo só deve ter liberdade na
 gião e não na vida secular? Em outras palavras, qual é o
 al dos batistas para as funções legítimas do indivíduo e do
 ado na sociedade, ideal este que servisse de padrão para
 mundo todo agitado por ideologias que estão em conflito
 torno deste mesmo assunto? São perguntas que, ainda
 o têm despertado a atenção dos batistas, e muito menos
 da dos outros evangélicos. Não devemos ficar admirados,
 s, ao vermos que os sociólogos e economistas estão hoje
 e a face com os problemas sociais para os quais não
 ontram solução. Certamente, como batistas, somos
 trários a qualquer ideologia social totalitária e isto por
 rência com os princípios de liberdade individual e da
 mocracia, mas que solução prática construtiva poderíamos
 erir para a situação social e econômica, que se agrava
 e em dia?

Para definirmos o individualismo ou o lugar do homem na
 a política não basta dizer que deve haver liberdade nas
 ações entre o indivíduo e o Estado. Isto é abstrato demais.
 aplicação disto na prática depende da interpretação das
 ações de cada um deles na vida social. A falta de uma idéia
 ra neste sentido é uma lacuna no pensamento dos homens
 hoje. Os batistas, portanto, precisam realçar o ideal para
 relações do crente para com o Estado. Além de
 erpretarem o individualismo na vida religiosa e social, eles
 rem interpretar também este mesmo individualismo nas
 ações do homem para com o Estado como instituição de
 gem divina. Esta contribuição deve ser essencialmente
 iritual e educativa, devendo os seus aspectos práticos ver
 enas como conseqüências da divulgação de princípios.

Nesta altura devemos perguntar, então, que é o Estado à
 do Cristianismo e que é a liberdade do indivíduo? Sem
 ocuparmos com uma forma precisa de definição, diremos

O Estado é uma instituição de origem divina para exercer autoridade de uma coletividade. O Estado difere da sociedade no seguinte: a sociedade é uma formação natural, útil e necessária, como expressão da própria natureza do homem. O Estado, porém, é uma instituição representativa para exercer a autoridade da sociedade para fins de ordem e justiça. Nos seus aspectos externos, o Estado é obra da inteligência humana. A existência do Estado baseia-se nas necessidades externas do homem e tem por finalidade satisfazê-las. É por motivo das necessidades externas que o homem precisa do Estado. Pela sua obediência ao Estado ou cooperação com ele o indivíduo também concorre para o bem da coletividade em matéria de fins externos. Como princípio, o Estado é uma instituição divina. Os seus aspectos práticos, porém, são determinados pelos indivíduos ou pela sua inteligência e necessidades coletivas.

À luz do Cristianismo, o Estado não é uma finalidade em si mesmo. O homem como indivíduo, ou como parcela psicológica da sociedade, depende do Estado e a ele precisa estar subordinado para fins de ordem social e justiça. Esse mesmo homem, porém, como personalidade e como criador da sociedade e como criador das formas externas do Estado, está acima dele e o pode modificar quando necessário. Neste caso, o Estado é inferior e está subordinado à personalidade do homem; é um servo instituído por Deus para o bem do indivíduo. Em suas qualidades o Estado, como instituição é inferior à personalidade. É inferior por ser neutro e impessoal e apenas um método pelo qual a personalidade e sociedade exercem a sua autoridade e atividades coletivas. O indivíduo que está no exercício das funções do Estado, embora tenha a sua honra formal ou externa, é apenas um servo da sociedade e também de Deus para finalidade essencialmente externas.

Para o indivíduo como personalidade, como verdadeiro ser social e superior ao Estado, as funções deste não constituem nenhum alvo ou vantagem para ser por ele desejado. Para servir aos outros, o indivíduo como personalidade não depende do Estado. O serviço que o indivíduo pode prestar à sociedade como personalidade é superior ao que ele pode prestar através do Estado como instituição. O seu serviço através do Estado é neutro e só pode ser prestado no terreno de ordem e justiça externa, ao passo que o serviço que ele pode prestar como personalidade é espiritual, livre e criativo. O Estado não possui qualidades que habilite o crente, por exemplo, a evangelizar ou para salvar a sociedade no terreno espiritual e moral. Prestar serviços nesse terreno cabe ao indivíduo como personalidade, como ser livre e à igreja, composta de pessoas livres.

Uma vez compreendida a verdadeira natureza do Estado como instituição, as suas funções não constituem um ideal para o crente como indivíduo livre. São para ele realmente uma diminuição e não exaltação para a sua personalidade. A vez chamado pela sociedade para exercer as funções de Estado o indivíduo, certamente, deve sacrificar-se a servir em termos e para as finalidades para as quais o Estado existe. O fato de as funções políticas ou do Estado terem constituído um atrativo para muitos, inclusive batistas indica ainda uma falta de compreensão das qualidades do indivíduo como personalidade e as do Estado e das relações que devem existir entre os dois. Do ponto de vista ético, para o indivíduo cômico de si e da sua posição social, como personalidade, não compete tomar a iniciativa para buscar exercer as funções de Estado. A iniciativa deve partir da sociedade e não o próprio indivíduo. Embora possa parecer uma honra e, socialmente falando, não o deixa de ser, uma chamada pela sociedade para o indivíduo exercer funções de

ado representa para esse indivíduo um sacrifício para isto precisar tornar-se servo dos outros e para finalidades meramente externas e impessoais, terreno este em que ele não pode agir como ser livre.

Na formação do Estado como instituição, o indivíduo como personalidade está cooperando com Deus para o bem coletivo. Onde esta participação é impossível, o crente pelos seus meios pode e deve orar pelas autoridades constituídas, pois elas não deixam de ser servos de Deus para exercer a justiça na sociedade.

O INDIVÍDUO E A VIDA ECONÔMICA

Os problemas na vida econômica são os mais complexos e se deparam ao homem. Isto, porém, não quer dizer que os problemas econômicos, moralmente, sejam piores que os outros. O progresso da vida material tem aumentado a interdependência dos homens como também a complexidade dos seus problemas. É realmente no terreno da vida material que o homem revela suas deficiências; é o terreno onde ele mais precisa de se aperfeiçoar como indivíduo e como coletividade; é o terreno onde os batistas, como defensores do individualismo têm a tarefa mais árdua a cumprir.

Para encontrarmos base para a solução dos problemas da vida econômica, precisamos, primeiramente, analisar a natureza da própria vida econômica e o que ela representa para o homem como indivíduo. Ele representa a sua personalidade toda: o seu sentimento, raciocínio e sua força de vontade. Representa, ainda, as suas relações religiosas, sociais e é índice, principalmente, da sua compreensão de si mesmo, dos seus semelhantes e da finalidade dos próprios meios materiais. Em última análise, é a vida econômica que

ela a personalidade do homem com todas as suas inclinações, virtudes ou maldades. Jesus comparou o tesouro do homem ou a sua vida material ao olho no corpo. Ele disse: "a tua vista é boa, então todo o teu corpo tem luz". Em poucas palavras, se o homem vai realmente bem na sua vida material então vai bem também na sua vida por inteiro.

Para compreendermos o grande significado da vida econômica para o homem como indivíduo, precisamos fazer a comparação desta com as outras fases aqui já estudadas, como sejam a vida religiosa, social e política. Precisamos examinar a atuação do indivíduo em cada uma delas, do ponto de vistas cristão. Na religião cristã o indivíduo atua na base da sua fé pessoal e experiência com Cristo, sem depender, necessariamente, de qualquer compreensão racional. A essência da religião cristã é a comunhão do homem com Deus mediante Cristo Jesus. Esta é uma experiência imediata. É a relação mais simples da vida humana. Não é difícil, pois, compreender e defender o individualismo na religião.

Também nas relações sociais, o indivíduo atua espontaneamente ou na base da sua própria natureza. As relações sociais não dependem, necessariamente, da inteligência. Para o indivíduo ter boas relações sociais com os outros, bastas ele considerar o próximo como igual a si mesmo; basta ele amar o próximo como ele ama a si mesmo; basta ele não fazer ao próximo o que ele não quer para si. Fazendo isto, o indivíduo cumpriu tudo o que a sociedade exige dele. Não é difícil, pois, reconhecer e defender o individualismo nas relações sociais. Basta apelar para o sentimento e a boa vontade do indivíduo para edificá-las suas relações sociais.

Nas relações políticas, porém, a atuação do indivíduo não é tão simples ou tão espontânea como ela é na religião e

riedade. As relações do indivíduo para com o Estado dependem da sua inteligência. O Estado não é uma criação espontânea do homem, mas da sua inteligência. O individualismo na vida política, portanto, é mais complexo e depende de sua compreensão. Para atuar nas suas relações com o Estado, o indivíduo precisa compreender os seus deveres e direitos estabelecidos na forma da lei. Ele precisa submeter-se às autoridades sabendo que o Estado existe, por vontade de Deus, para o bem do indivíduo e da sociedade. Em disso, as relações políticas são as relações de uma pessoa para com uma instituição. A prática ou o exercício do individualismo nas relações políticas, depende da compreensão e da vontade do próprio indivíduo.

Na vida econômica, porém, as relações do indivíduo são mais complexas ainda do que nas outras esferas já referidas. Dependem as relações espontâneas e imediatas do homem em Deus, para com a sociedade e das relações voluntárias com o Estado como instituição. Dependem também de uma compreensão da finalidade dos próprios bens materiais, para ele como indivíduo e para a sociedade. O individualismo na vida econômica, ou a atuação do homem como ser econômico nessa esfera depende, pois, de ele compreender os seguintes pontos: 1º) a distinção entre ele como ser espiritual e os seus bens materiais ou o universo físico; 2º) a distinção entre possuir bens e ser rico; 3º) A finalidade dos bens materiais; 4º) Precisa compreender, ainda, que os bens materiais não são finalidades em si, nem possuem qualidades intrínsecas e prestam-se, portanto, para o bem ou para o mal; Deve compreender ainda que para usar acertadamente os bens a serviço do próximo não basta basear-se só no amor, mas também de inteligência. Precisa conhecer as finalidades imediatas e as mediatas ou finais. Não basta satisfazer tão somente as necessidades materiais e presentes, como

também é preciso visar o bem verdadeiro do próximo como personalidade e usar, os bens com esta finalidade. É no uso dos bens que o indivíduo precisa atuar como personalidade equilibrada, compreendendo as distinções, finalidades mediatas e finalidades últimas desses bens e depender, assim, para o seu uso do próprio critério.

O individualismo na vida econômica depende ainda de o homem compreender as diferenças entre pessoas na produção e na posse de bens. Ao usar os seus bens o indivíduo precisa compreender a finalidade desse seu serviço e, em última análise, é espiritual, é levar os beneficiados a serem graças a Deus e não glorificar aquele que é apenas o mordomo dos bens. É na vida econômica que o indivíduo precisa realizar o propósito espiritual que Deus tem para com o universo físico e que o homem precisa alcançar como o administrador do mesmo. É nas suas relações da vida econômica que o individualismo significa uma atuação plena da personalidade. É nela que o homem se coloca acima da matéria, acima da sociedade e do Estado, e se coloca ao lado de Deus como servo ou mordomo para administrar os recursos do universo para o bem espiritual da humanidade.

Quem levará o indivíduo a atingir esta compreensão e capacidade para atuar na vida econômica como personalidade equilibrada, competente e livre? Certamente não será o cientista que muito mal conhece as leis físicas e a matéria e a realidade destas. Não será também o sociólogo que só conhece a sociedade, em seus conceitos abstratos, e que não toma conhecimento do indivíduo como fator da sociedade. Não será também o político ou o homem de Estado que só conhece o Estado como instituição e o indivíduo, nas melhores das hipóteses, em suas relações com o Estado e nada mais. Como instituição ou sistema, o Estado não pode entrar no terreno da personalidade para orientar o

nem em suas relações econômicas do ponto de vista ético. Não será também o economista que irá levar o indivíduo a uma noção verdadeira das suas relações econômicas. O economista só cuida da produção, distribuição, transporte, preços dos bens etc. e não toma conhecimento das finalidades espirituais desses mesmos bens.

Quem habilitará, então, o homem como indivíduo – pergunta-se novamente – a atuar na vida econômica como personalidade, competente, livre e responsável? Não será a mensagem do Cristianismo, limitada apenas a visar à salvação unicamente espiritual e que não procura doutrinar o homem quanto a suas relações sociais, políticas e econômicas. Para esta tarefa só é habilitado quem é crente e, ao mesmo tempo, conhecedor da doutrina, ciência e filosofia. Para habilitar o indivíduo para que atue como pessoa livre, competente e responsável, na vida econômica, os batistas são os mais indicados em virtude de já reconhecerem a competência do indivíduo na vida religiosa e política. Os outros grupos religiosos não se acham preparados para esta tarefa por não reconhecerem o individualismo na religião. Em este primeiro passo como poderão dar os demais? Os batistas são, potencialmente, os mais indicados, pois já têm o princípio básico – o reconhecimento do indivíduo na religião, o que é básico também nas outras esferas da vida humana.

Por essa razão precisam os batistas realçar o individualismo ou o valor da personalidade e como ela se interpreta no Cristianismo. Este é o único caminho para a solução dos problemas do tempo atual. Neste estudo, porém, não procuramos abordar os aspectos práticos da matéria. Estamos enunciando apenas o princípio fundamental e deve servir de base para a vida econômica sem procurarmos formular qualquer doutrina da economia política.

Para compreendermos o lugar do indivíduo na vida econômica, precisamos mencionar primeiro, algumas das interpretações ou soluções oferecidas para os problemas econômicos. Mencionamos aqui, por exemplo, as seguintes: desigualdades na distribuição das riquezas naturais. As condições geográficas diferem muito em recursos naturais e as desigualdades influem muito no progresso das diferentes comunidades. A interdependência dos homens e dos povos para a satisfação de suas necessidades. Isto tem criado muitos problemas econômicos e políticos. Desigualdades nos próprios homens das quais resultam também desigualdades na produção e no uso da riqueza. Um indivíduo tem mais do que outro; um vive em abundância e outro padece necessidades; um é capitalista e outro não é; um é dono de empregado. Daí as classes sociais e lutas entre as classes que são mais ameaçadoras do que as lutas políticas dentro das nações. Os problemas provenientes das desigualdades não são da livre escolha dos homens e por isso não são também causas primárias das lutas. Certamente as diferenças também não podem ser desfeitas pela vontade dos homens.

Os problemas econômicos não vêm das desigualdades naturais, mas sim de uma falsa interpretação e falso uso da riqueza, tanto encontrada na natureza como também produzida pelo trabalho do homem. Os problemas surgem do fato de o homem entender que a sua vida consiste nos bens que possui e de considerá-los como finalidades em si. O homem busca a riqueza como fosse esta a sua própria vida. Ao proceder assim, ele não faz distinção entre si mesmo e os bens que possui. Em outras palavras, o homem se identifica com o seu tesouro. Ele se materializa no seu modo de pensar e perde a noção de si mesmo e dos outros como seres humanos. Ele se torna incapaz de compreender que o seu

próximo é uma pessoa. Não vê nele qualidades e direitos humanos nem sente qualquer responsabilidade moral para com o seu próximo, e torna-se capaz de explorá-lo em interesse próprio. O mesmo acontece também com as nações. A maioria das guerras têm sido guerras econômicas pela conquista de matérias primas, de mercado e do controle da vida econômica internacional. É esta interpretação materialista da vida que tem criado problemas e lutas que se agravam hoje em dia em face da crescente interdependência entre indivíduos e coletividades.

Que atitude devemos então assumir como batistas e como defensores do individualismo, para com as atuais tendências e problemas na vida econômica? Que orientação podemos apresentar ao mundo para a solução dos mesmos? Hoje em dia estamos no seguinte dilema: ou mostrar o caminho para a salvação ou perecer no meio do conflito que se agrava. Ao que parece, os batistas ainda não têm nenhuma atitude ou posição formada quanto à solução para a presente situação. Será que os batistas poderiam apoiar a idéia da interferência do Estado na vida econômica do indivíduo ou da coletividade, como acontece, por exemplo, nos regimes totalitários? Ou será que poderiam apoiar o sistema de capitalismo, ou a liberdade do indivíduo para produzir e dispor os bens como achar por bem? Ao menos aparentemente, os batistas não têm nenhuma posição definida nesse terreno que fosse coerente com os seus princípios religiosos, para o seu próprio governo e muito menos para orientar os outros. Certamente, a finalidade dos batistas como igrejas, ou como denominação, não é administrar a vida material do indivíduo ou da coletividade. No entanto, cabe aos batistas como igrejas doutrinar o indivíduo para que atue na sociedade e na vida econômica como fator construtivo. A nossa tarefa é espiritual, é doutrinar e preparar o indivíduo para atuar em

qualquer fase da vida humana, inclusive econômica. A tarefa das igrejas é implantar nos indivíduos os motivos que devem orientar a sua vida prática e não prescrever sistemas de economia política.

No momento atual somos obrigados por necessidade a recorrer aos crentes e aos homens em geral. Uma orientação prática para a sua vida econômica. Certamente a nossa tarefa não é administrativa ou executiva visando qualquer solução imediata. Em face da natureza espiritual das suas causas e da experiência, está evidente que a solução dos problemas econômicos não depende, necessariamente, de mudanças de regimes sociais ou de sistemas econômicos. As causas desses problemas não estão nas coletividades nem nos sistemas, embora estes possam favorecê-los ou dificultá-los. As causas estão no indivíduo, como criador e fator da vida social e econômica. Qualquer solução, portanto, deve começar com o indivíduo como personalidade e em suas relações para consigo mesmo, para com a sociedade, para com as coisas materiais e para com Deus. A solução deve começar no crente com que os batistas estão mais familiarizados do que com qualquer outra pessoa.

Para orientarmos devidamente o indivíduo, visando à solução dos problemas causados por ele, ou pela sua ignorância, competição e exploração do seu próximo, devemos reconhecer ainda que este seu proceder não indica uma maldade ou perversidade proposital, como pode parecer à primeira vista. Antes, semelhante proceder vem da falta de verdadeiro conhecimento de si mesmo e dos outros. A vida econômica do indivíduo, alias, é fruto de sua inteligência. Os problemas por ele causados representam o seu modo de raciocinar ou de interpretar as coisas. Se o progresso material ou nas coisas externas do homem tem criado problemas é porque o homem ainda não compreendeu a

adequada finalidade dos recursos materiais por ele adquiridos e muito menos ainda compreende a sua própria realidade como homem neste mundo. Não basta ele saber adquirir os recursos do universo físico; é preciso também saber usar esses recursos para os devidos fins. É mais fácil, por exemplo, ganhar dinheiro do que saber gastá-lo adequadamente.

Jesus não condenou a propriedade particular nem a posse dos bens. Antes condenou o amor ao dinheiro ou o homem identificar-se com os seus bens como fossem estes o alvo da vida. O erro do rico da parábola de Jesus que acumulou muitos bens, por exemplo, não estava em ele ter trabalhado e produzido, mas estava em não compreender a finalidade dos seus mesmos bens e muito menos ainda a sua própria. O erro estava em não saber o que fazer com eles. O rico não era necessariamente mau como era mau, por exemplo, o servo da parábola dos talentos que não quis trabalhar. Este, apesar de ser negligente, era mau. O rico, porém, na palavra de Jesus era "louco", insensato, no seu modo de raciocinar.

Os problemas da vida econômica são conseqüências da falta de compreensão. A solução desses problemas deve começar no terreno da interpretação individual e coletiva. A presente crise econômica nacional e internacional, de modo algum será solucionada com atividades evangelísticas puramente espirituais, visando apenas a conversão de pecadores sem um doutrinamento posterior. Não basta evangelizar o indivíduo e trazê-lo à conversão para fazer dele um bom patrão, um bom operário, um bom negociante, e um bom administrador de finanças suas próprias ou dos outros. Precisamos evangelizar. Mas é preciso também ensinar o indivíduo para ele saber como proceder na sua vida material. Um evangelismo puramente espiritual não soluciona problemas criados pela ignorância. A conduta da vida

tã na vida econômica depende de conhecimentos éticos e nicos. A tarefa da igreja é não só evangelizar com também de orientar o indivíduo de como ele deve buscar hecimentos e sabedoria para a sua vida material.

Para o indivíduo não criar problemas na vida econômica e o ser problema para outros, ele precisa de conhecimentos rituais e seculares. Precisa compreender a vida material ponto de vista de Deus. É na vida econômica que a crução racional do indivíduo torna-se imprescindível. Para ucionar o seu problema de pobreza, de doença ou outros, o basta para esse indivíduo estar apenas convertido, izado e ser membro da igreja. Para solucionar os seus blemas na vida material é preciso que o indivíduo seja inado a trabalhar e a usar os seus recursos para as alidades estabelecidas por Deus; é preciso que ele seja inado a cuidar de si mesmo e dos outros como pessoas nelhantes a ele mesmo e não como meros instrumentos. o cabe aos batistas como igrejas ou como denominação ministrar a vida material do indivíduo nem da coletividade. a tarefa cabe ao próprio indivíduo. Cabe, porém, às igrejas parar o indivíduo, espiritual e mentalmente para este fim. Para o indivíduo ser um fator construtivo na vida nômica, ele precisa ser competente e livre do mesmo do como ele é competente na vida religiosa. Na vida nômica, porém, a sua competência e liberdade não podem apenas espirituais. Ela deve ser também uma npetência ética e intelectual. Para ser livre na vida nômica o indivíduo precisa compreender que a riqueza o constitui uma finalidade em si e que ele não deve se ntificar nem deve ser sacrificado por interesses materiais. berdade na vida material depende de o indivíduo usar os s materiais para o bem próprio como também para o da etividade. São os meios pelos quais o indivíduo pode

... tornar-se útil para os outros. É na vida material, pois, que o indivíduo realmente pode cumprir a lei divina que diz: "amarás o teu próximo como a ti mesmo". No seu trabalho regular, o indivíduo deve visar não só as suas próprias necessidades como também as dos outros. Na linguagem das Escrituras, o indivíduo justo é aquele que espalha e dá aos pobres. Não é plano de Deus que haja igualdade nos indivíduos nem nos bens que eles possuam. O plano de Deus, porém, é que aquele que colheu muito não tenha demais, e o que colheu de menos não tenha falta. É na vida material que o indivíduo pode e deve tornar-se cooperador de Deus para o próprio bem-estar e da sociedade.

CONCLUSÃO

Hoje em dia há muita necessidade de os batistas porem evidência perante o mundo o valor intrínseco do homem no indivíduo, valor este dado a ele por Deus e a ser realizado em sua vida religiosa. As ideologias sociais de caráter totalitário, que hoje estão ganhando terreno, negam ao homem o direito à liberdade religiosa; não reconhecem o indivíduo como ele é e como deve ter liberdade para agir, para exercer a sua responsabilidade diante de Deus pelo seu modo de proceder. Os batistas, em virtude do princípio do individualismo que os caracteriza, são os únicos em condições de interpretar ao mundo o indivíduo como ele é e como deve ser interpretado e reconhecido, em suas relações religiosas como também nas sociais, políticas e econômica. Esta é a contribuição que o mundo espera dos batistas e pelo qual eles são os responsáveis tanto perante o mundo como perante de Deus.

